



A professora de História Maria das Dores — a Dorinha — com alunos do Centro de Ensino 14 de Taguatinga, reeleita com 629 votos: “É impossível fazer alguma coisa em apenas dois anos de mandato”

Escolas revigoradas no voto

Dos 548 colégios públicos do DF, 530 elegeram novos diretores no fim de semana. Aliados do governo foram grandes vitoriosos

Karina Falcone
Da equipe do **Correio**

A política educacional do Governo do Distrito Federal (GDF) passou por uma sabatina, neste final de semana, durante as eleições para os diretores das escolas públicas. Além de lutar contra uma possível falta de quórum — o que colocaria o estilo democrático do governo em xeque —, ainda era preciso que os candidatos que se declararam “aliados” das propostas governamentais se elessem.

Na avaliação do diretor da Fundação Educacional do Distrito Federal, Jaci Braga, a proposta educa-

cional do governo venceu nos dois itens: uma eleição representativa e uma esmagadora vitória dos aliados. “Foi como um teste para nós e com resultados excelentes. A prova de que as escolas estão afinadas com a nossa política”, comemora.

Já para a diretoria do Sindicato dos Professores (Sinpro), o governo não tem nada para festejar. Se pais, alunos e funcionários compareceram para votar, o mérito é do trabalho realizado pelas escolas. Quanto ao perfil dos diretores eleitos, “a maioria não parece com o governo”, na avaliação do sindicato.

“Uma das principais características dessa eleição foi o distanciamento da disputa político-partidária.

A comunidade escolar não deixou que o governo interferisse no processo. Professores, alunos, pais e funcionários discutiram propostas e elegeram os seus candidatos. Usar o resultado desse processo como uma vitória institucional é oportunismo”, rebate o diretor de Assuntos Educacionais do Sinpro, Marcos Pato.

APROVAÇÃO

Com muitas escolas ainda em processo de apuração dos votos, não há o resultado oficial das eleições. Mas, independentemente de identificar os vitoriosos, os números atingidos neste final de semana demonstram que a comunidade escolar aprova a consulta democrática.

Em números: das 548 escolas públicas do Distrito Federal, 530 participaram do processo. Entre estas, aproximadamente 5% não conseguiram quórum. O restante

elegeu os seus diretores por voto direto.

A grande maioria dos escolhidos está partindo para o seu segundo mandato e disputou em chapa única. Sobre o consenso algumas teorias são levantadas: o tempo de gestão — dois anos — não é suficiente para garantir uma boa administração, não há renovação nos quadros políticos das escolas ou as comunidades escolares trabalham a partir de uma ampla convergência de idéias.

APROXIMAÇÃO

Maria das Dores Silva, 47 anos, eleita democraticamente para o seu segundo mandato na diretoria do Centro de Ensino 14 de Taguatinga, aposta nas três hipóteses. Dos 1.036 votos, Maria das Dores teve 629. Isto, segundo ela, após enfrentar a campanha “suja” do seu opositor.

“Essa eleição foi menos partidária

do que a primeira. As discussões foram mais pessoais do que políticas. Por um lado, isso é positivo porque os trabalhos desenvolvidos na escola são privilegiados e a comunidade caminha para o consenso. No entanto, o processo fica menos politizado. Sobre o grande número de reeleições, acho inevitável porque é impossível fazer alguma coisa em dois anos”, avalia.

Professora de História, Maria das Dores aposta nas eleições diretas como forma de aproximar a diretoria da escola com a comunidade, em vez de fazer uma administração de “gabinete”.

“O voto atribui ao diretor um compromisso direto com pais, alunos, professores e funcionários. Estamos conseguindo isso aqui na escola. É muito gratificante ver as pessoas vindo votar, independentemente de chuva ou sol, só para participar mais efetivamente”, avalia Maria das Dores